

# LÍDIA JORGE

Entrevistada por Maria Augusta Silva

DAS TRÊS ENTREVISTAS QUE A ESCRITORA NOS CONCEDEU AO LONGO DA SUA CARREIRA LITERÁRIA SELECIONARAM-SE PARA ESTA ANTOLOGIA DUAS: AS REALIZADAS EM MARÇO DE 1996 E EM OUTUBRO DE 2002, REPRODUZIDAS A SEGUIR POR ORDEM CRONOLÓGICA.

**Uma casa onde cabem muitas casas. Muitas vidas. Muitas gerações, apesar de o fio condutor se desenrolar em torno dos anos oitenta. Realidade próxima. Ou de sempre. Os desencontros geracionais. A Casa da Arara, centro de observação. Ou, preferencialmente, de reflexão para quem souber percorrer os labirintos de *O Jardim Sem Limites*. Um romance que reafirma a estatura de um dos mais prestigiados nomes das letras portuguesas. Um romance de realismos e transfigurações. De sinais e alertas. Polémico? Inquietante? Tudo isso. Porque nos convoca a todos de forma responsável e responsabilizante. Porque não ousa julgar, mas olha e vê e conta. Sacode-nos e desperta-nos. Um romance desassombrado.**

**A narradora do seu último romance, *O Jardim Sem Limites* (a rapariga da máquina *Remington*) não tem nome. Poderemos chamar-lhe Lídia Jorge?**

Não. A conclusão dela não é a minha. Trata-se de uma personagem que entra com um rosto diminuído, uma mera construção. Ela, praticamente, não tem pensamento e eu tenho o pensamento que dita o livro.

**Ela é passiva. Não intervém. Não julga nada nem ninguém...**

Limita-se a assistir para conhecer. Conclui: «Não sou culpada.»

**O romance não acaba por fazer o julgamento da geração dos anos oitenta? Uma geração que foi um turbilhão sem rumo?**

Os anos oitenta não foram apenas um turbilhão, nem pretendo avaliar judiciosamente. Diante do que passa, tenho a minha perplexidade e expresso-a. Parte dessa perplexidade está neste livro. Acho um dever expressá-la. A cada momento o mundo desajusta-se; a cada momento inaugura-se outra era. A linha de continuidade mais forte é, porventura, o sentimento de que em todas as épocas se vive um caos definitivo. Em todas as épocas se procura o epicentro do sismo. Naturalmente que os anos oitenta tiveram o encanto da sua própria ilusão.

***O Jardim Sem Limites* centra esse momento caótico na juventude. E pais e educadores? E todos os circuitos que têm nos jovens presas fáceis?**

Mas aí pomos de parte o livro e regressamos às ideias que o cercam, que é outra coisa. Aceitando esse cruzamento, não há dúvida de que os intérpretes deste livro são jovens e está esbatido o rosto de quem os conduziu até aí. No entanto, todas essas personagens que constituem uma tribo especial podiam não ter,

mas até têm, relação com a família. A família circunda-as, apesar do desencontro de linguagem.

**Em todas as gerações houve desencontros de linguagens. A dos anos sessenta é também paradigmática. Foi a geração dos *hippies*, do *make love, not war*, dos *jeans*, dos então estonteantes ritmos *pop-rock* e do *twist*...**

A geração dos anos sessenta é tão diversa quanto os países, as culturas, as cidades. Mas falando do que parece ser mais dominante, houve uma guerra com a anterior. A ruptura fez-se por contraste de valores. Havia um sucedâneo à vista. Neste momento, ou estamos todos equivocados, ou existe de facto um retrocesso. Parte da nova geração atira-nos com tal violência à cara o que se conquistou a pulso que somos nós a ser julgados por nós próprios. No entanto, um livro não é redutível a um pensamento.

**A geração de oitenta tomou conta das suas reflexões?**

Não é fácil explicar tudo o que me levou a escrever sobre esta geração a não ser, a par de outras razões, o encanto por reproduzir aquilo que julgo ser a parte de um mundo ao mesmo tempo belo e decrépito. Forte e frágil, cheio e desprovido. Escrevi também com a ambição de que, mergulhando de cabeça no caldo do presente – porque gosto dele e sou dele – ajudaria a construir a leitura que será feita no futuro. O presente pode ser lido através de livros cuja ação remonta a um tempo passado, mas essa será sempre uma atitude mais amparada do que escrever a partir do presente.

**O romance antecipa o futuro?**

É sobretudo um género de futuro. Essa brecha em relação ao futuro a permitir que certos romances contenham avisos. Por vezes impercetíveis.

**Neste seu livro parece-me haver muitos medos. Será irremediável atolarmo-nos num vazio de valores?**

Não me parece que seja assim. O destino das figuras de um romance não pode ser lido como um fim fechado. O *happy end* pode ser um lugar enganador. Como leitora de romance contemporâneo, creio que as histórias que refletem medos têm poderes dissuasores. O que ocorre na trama pode reclamar, quando esteticamente suscita entusiasmo, comportamentos opostos e pensamentos de correção. Em todas as épocas se escreveu sobre a ideia de que o presente é caótico e injusto. Basta ler passagens de uma obra tão antiga quanto os *Ginetes*, de Aristófanes, para perceber que se adaptam ao nosso tempo, agora que temos a sensação de caminharmos sobre o fio da navalha.

**Aristófanes satirizava ao ponto de não se entender se havia nele uma posição aristocrática avessa à democracia ou se era estruturalmente um democrata a minar os vícios da democracia. O *Jardim Sem Limites*, sendo irónico, não se revela igualmente uma obra cáustica?**

Mais irónico do que cáustico. De qualquer modo, o que me parece importante, unindo os pontos de leitura de um livro, é que logremos dar a ideia do que pressentimos. Quem escreve este romance julga haver uma desarticulação na linguagem e no entendimento um desencontro entre a energia esfuziante de viver, o desejo intenso de ser e o campo de ação que resta.

**Moralismo?**

Nenhum. *O Jardim Sem Limites* não é um livro antimoralista nem moralista. Em consciência, penso que uma obra de arte não deve ser moralista. As pessoas sim, devem ter ética, as obras de arte caminham num outro campo, no mundo dos avisos, dos pressentimentos.

### **Não devem curar da ética?**

Dentro de si mesmas, não. Devem antes deixar espaço para o pensamento do outro que olha; para que fique livre de fazer escolhas e estabelecer adesões. Uma obra de arte não pode ser um universo fechado nem resumir-se a uma legenda. Se um livro pretender ser condensado numa legenda do género, *não façam isto ou aquilo*, acho que a obra se apouca. Transforma-se num sinal de trânsito. Um livro deve ser, sobretudo, uma seta.

**Permita-me recordar-lhe uns versos de Luiza Neto Jorge e diga-me se encontra neles algo com que este seu romance possa identificar-se: *Um dia acorda-se / e o abismo é berço / e o diabo mais do que um irmão / todo desvio tem o seu preço.***

A Luiza refere-se à vida, toda a vida, de que a literatura, para quem a vive como paixão, é uma metáfora surpreendente. A tentação, o desvio e o impacto com o Inimigo estão presentes. Ninguém escreve à espera de encontrar, nem no fim, nem durante o percurso, a paz dos campos em flor. Penso que só percorrendo caminhos que alguma vez tocam a morte se produzem palavras com iluminação. Depois, tudo dependerá se a pessoa tem as palavras à altura para transformar essa experiência.

***O Jardim Sem Limites* poderia classificar-se de reportagem romanceada?**

Uma reportagem do interior. De almas entusiasmadas mas em crise. Uma reportagem por dentro de figuras que ao desejarem vencer fazem a experiência de tocar a morte.

**Morre-se muito neste livro...**

Também se vive, se ama e se resiste. O problema não reside aí. Morrer é natural.

### **A morte é natural, mas não deverá ganhar significado?**

Essa é a questão. As mortes neste livro não se tornam significativas. O homem deseja que a morte tenha um significado. E n'*O Jardim Sem Limites* morre-se sem que a morte represente dor para os outros, nem perdas, nem remorsos, nem lágrimas.

### **A apatia perante a morte traduz o quê?**

Um valor excêntrico do sentido da vida.

### **O livro começa com personagens que parecem criar uma unidade. Que unidade?**

O companheirismo e a defesa contra o exterior. Acima de tudo, o medo.

### **Em que se funda esse medo? A célula familiar perdeu o norte?**

A célula familiar nunca foi um espaço seráfico senão na imaginação. Se se modificou em parte para pior foi porque se exigiu uma clarificação. De qualquer modo, neste livro há uma família que, apesar dos sobressaltos, persiste unida, em contraste com os que se marginalizaram, recusando os progenitores.

### **Houve nas últimas décadas metamorfoses tão drásticas na condição humana?**

Tornámo-nos muito mais nómadas. Os locais de encontro deixaram de ter um espaço sólido, tudo passou a ser muito mais flutuante.

### **Perdeu-se o encontro com a família?**

Modificou-se. Na família ensaiavam-se poderes durante um tempo suficiente para cada um perceber que tinha papéis neste mundo. Ou pelo menos sonhámos que assim fosse. Só que, de súbito, o que sonhámos não é concretizável. A família tornou-se num espaço de afeto mais verdadeiro mas com menos hipótese de continuidade.

A velocidade atacou a vida por cima. Ficou menos tempo para que os diversos papéis das pessoas sejam ensaiados e mantidos.

### **Quem motiva a marginalização?**

Perfilho T.S.Elliot: «quando a responsabilidade não é claramente imputável, é preferível que cada um tome a culpa por sua conta.» Ou, retomando a ideia de Dostoievski: «Todos somos culpados de tudo e de todos perante todos e eu mais do que os outros.» A geração que passa n' *O Jardim sem Limites* é filha de um princípio oposto: a responsabilidade fica sempre algures e algures não é a minha terra.

### **Torna-se mais cómodo alijar responsabilidades?**

Houve um alargamento do direito individual que não foi amparado pela concomitante exigência da noção de dever. A noção de indivíduo floresceu, a de sujeito apoucou-se.

### **O individualismo não poderia afirmar-se com alguma grandeza?**

Podia. Mas a escala de valores materiais e mensuráveis à vista tomou conta dos segmentos mais significativos da sociedade. Não admira que, de um lado, o mundo pareça, às vezes, organizar-se à imagem de um lupanar e, do outro, floresçam as igrejas messiânicas, confundindo-se os dois campos ou equivalendo-se.

### **Não partirá esse desnorteamento das gerações que deram origem aos jovens de hoje?**

Retiraram-se os obstáculos materiais aos filhos, tendo-os colocado em níveis bem mais difíceis de superar. Julgávamos estar a fazer bem. Paradoxo sarcástico. Oferecendo o que pensámos ser condições essenciais para a felicidade, em muitos casos acabámos por oferecer presentes envenenados.

**Crê que esse presente envenenado surge completamente exposto em *O Jardim Sem limites*? Como chamar «jardim» a um mundo de tantos vazios?**

*O Jardim Sem Limites* vive de casos particulares, como são, em geral, os da ficção. Casos transfigurados. De resto, do ponto de vista mítico, os jardins, mesmo os primordiais como o Éden, afinal eram mistura de bem e de mal. Mas é curioso como tinham limites. Os da cosmogonia judaico-cristã não eram limites exteriores. Os rios Pison, Gheon, Tigre e Eufrates não eram a fronteira. A fronteira ocupava o centro. Era a tal árvore que se sabe. Essa árvore era o limite. Pensei mais na ausência dessa fronteira interior quando criei o título. Não podia deixar de ser um jardim o espaço onde estas criaturas cheias de energia e de sonho se movem. Gostei de os ter copiado do natural e inventado a meu modo.

**Todas as gerações imaginaram o seu jardim sem limites...**

Sem dúvida, mas há factos diferenciadores importantes. A nossa geração ou lutou, ou foi contemporânea dos que lutaram pela liberdade de expressão, pela liberdade de iniciativa económica e pela expressão do amor livre. Entre nós, foram aquisições já tardias mas muito fortes. Determinaram todos os outros comportamentos.

**Essas conquistas anularam outros ideais?**

A questão civilizacional deste tempo reside sobretudo nisto: ninguém ou só uma minoria aceita que se reinstaure a pena de morte; ninguém deseja que se retire qualquer uma das liberdades fundamentais de expressão, de livre circulação, de residência, e outras. No entanto, são precisamente esses princípios que servem de guarda-vento aos que têm como finalidade a grande gatunagem e o estropiamento.

**Faltam novos rumos?**



Seria abusivo dizer isso. Acredito que um estado de transição, ao mesmo tempo que contém a deterioração, inventa o seu remédio.

### **A solução terá de passar por uma mudança de atitude relativamente aos valores que referenciou?**

Há valores adquiridos de que não devemos abrir mão. Mesmo que um criminoso mate uma pessoa inocente e muito querida, seria incapaz de pedir para ele a pena de morte, embora pudesse exigir que o condenassem em trezentos anos de prisão, o que, naturalmente, teria um significado simbólico. Prescindir da pena de morte, na nossa cultura, significou ter-se atingido um estágio superior da civilização. O mesmo em relação à liberdade de expressão e outras. Uma das situações mais estranhas é a de as empresas poderem transformar-se em agentes do tamanho do mundo e não terem rosto visível. Nesse aspeto, também aí, o livro de Jacques Atalli, *Il Viendra*, não é de modo nenhum uma ficção metafísica desvairada, como muitos consideram. Penso que esse tipo de polvo, que se faz e refaz sem sabermos quem esconde, atemoriza muita gente.

### **A geração da utopia, nos anos sessenta, rebelou-se igualmente contra esses polvos...**

Não eram os mesmos. Estes são uma surpresa recente.

### **Surpresa ou regresso?**

Há fatores novos. Por exemplo, alguns meios informáticos em breve podem levar a todas as casas a *Ilíada* e a *Odisseia*, mas também podem levar com a mesma eficácia cenas de pornografia entre pessoas e animais. Os factos em si não são novos, mas sim os meios e a eficácia incontrolável da divulgação.

### **Integrou a Alta Autoridade para a Comunicação Social. Como lhe pareceu que poderiam ser delimitadas fronteiras**

## **nesse campo, sem que isso se traduzisse pelo retorno da Censura?**

Na minha modesta opinião – e nessa matéria, cada vez mais modesta –, só reforçando as organizações éticas e deontológicas dos vários grupos e a formação humanística dos profissionais. Não vejo outra saída.

## **Os tais polvos não precisam de um mundo de alienados?**

A barreira tem de ser criada pela qualidade. À primeira vista, parece um suporte extraordinariamente frágil. Perguntar-se-á: como podem as pessoas resistir? Mas é a única forma. De novo se reclama por heróis e figuras solitárias exemplares. O que não deixa de ser curioso.

## **Que podem ganhar os cavaleiros andantes?**

A atitude já é um ganho.

## **Vitória moral?**

E não é importante? Mas podem ganhar mais alguma coisa. A consciência da força, da capacidade de empolgação por ideias e causas é sempre contagiante. Um dos piores boatos da última década consiste em fazer constar que as macroestruturas esmagam sempre as iniciativas individuais.

## **Como lidar com o poder económico absoluto quando os postos de trabalho dependem dele?**

Não sei como lidar. Julgo que se deve partir do princípio de que o poder económico não funciona fora das pessoas. Também se fez crer que existe economia sem autor. Pode não se ver o rosto, mas autor tem. No mínimo, o autor tem de falar.

## **Em face de um individualismo atroz, como estruturar, hoje, ideias e atitudes cívicas coletivas?**

Também não sei. Possivelmente, subvertendo o próprio individualismo. Como é sabido, a ética raramente entra na política. Em relação aos últimos anos, a Comunicação Social cultivou excessos, mas ninguém pode negar-lhe um importante papel desmistificador. Os últimos anos tiveram a vantagem de fazer a política ver-se ao espelho, e o espelho não devolveu uma boa imagem. A receita de Maquiavel até está bastante desajustada.

**Para onde caminhamos se não lograrmos uma alternativa por meio da escolha sociopolítica em liberdade?**

Os próximos anos não podem deixar de ser de grande exigência ética.

**Uma nova geração a fazer essa exigência?**

Naturalmente que sim.

**A geração que protagoniza o seu romance, onde podem entroncar-se crises de todas elas, está a reencontrar-se e a buscar pontos de referência?**

Nenhuma geração é homogénea. Aquela de que estamos a falar, pela sua mobilidade e miscigenação, é extremamente heterogénea. Sem querer de novo confundir o real com o inventado, lembro que as personagens deste livro estão cheias de energia. É natural acreditar na capacidade de revolta da juventude.

**Mas os jovens do seu livro encaram a morte com apatia...**

Nenhuma das figuras desaparece por apatia, mas por excesso de vontade. O que lhes falta não é a vitalidade mas o espaço onde agir e os valores que invocar. Faço questão de o fazer notar.

**Ao conceber *O Jardim sem Limites*, desejou que fosse um alerta?**

Não o escrevi, deliberadamente, para alertar. Pelo caminho, isso pode acontecer e seria bom. É como numa canção. Se o suporte musical não for harmónico, a canção não alerta ninguém, mesmo que a letra seja um poema carregado de sentido. A literatura dir-se-ia o que sobeja da intenção. Além disso, quando se concebe um livro, não fica em causa a questão de ser ou não um sinal de referência, mas, sim, a luminosidade que vem de uma espécie de coerência que se estabelece até entre materiais imperfeitos.

### **Como toda a gente, os escritores não são perfeitos...**

Convém que não o sejam. Senão teriam de passar a vida a exercitar-se sobre a imperfeição dos outros. O que seria penoso.

### **O romance vive de figuras imperfeitas?**

Sem dúvida, ao contrário da epopeia. Os heróis do romance são imperfeitos, e é por isso que, de vez em quando, um deles salta da ficção e tem mais força do que os seres reais.

### **A narrativa de *O Jardim Sem Limites* reveste-se de um realismo tal, até no uso da linguagem, que não posso deixar de lhe perguntar como pôde colher toda a matéria com a qual constrói as imagens deste livro?**

Observei. Amo as personagens deste livro e sobretudo as personagens reais que estiveram na sua origem. Parti de situações reais. No que respeita, por exemplo, à linguagem, deixei-me plasmar por bordões correntes, pelo tipo de pensamento sincopado das personagens que convoquei. Procurei que a escrita tivesse essa rapidez, uma quase incapacidade de parar sobre o presente. Quis que fosse assim, sacudido, de frases muito curtas, traduzindo a euforia de viver o mais possível a cada instante.

### **Poderá chamar-se vida a esse ritmo? São jovens que acabam na marginalidade total, num suicídio...**

Penso que é pura vida. Aliás, nenhum deles se suicida. Todos são mais ou menos inocentes. Colonizados. Em certos momentos vão ao ponto de não encontrarem na sociedade portuguesa a violência que desejam.

### **Colonizados por padrões massivamente importados?**

Sem dúvida. Sentem uma espécie de desprezo pela cidade onde vivem, por não lhes proporcionar a violência suficiente em relação àquela que veem nas imagens de outras sociedades. Por isso, necessitam de inventar o *serial killer* e o *mass killer* portugueses a partir de figuras que conhecem. Inventam figuras à imagem do mundo que lhes chega de fora para se afirmarem cosmopolitas.

### **O homem-estátua, fulcral neste romance, não será também produto de uma sociedade espetáculo exacerbada ao tentar cada vez mais horas de imobilidade?**

Mas ele supera-se. É um rebelde. Há uma altura em que, de algum modo, obedece a todos os padrões do espetáculo. No entanto, chega o momento em que ultrapassa isso e faz a experiência derradeira de resistir até tombar. Foi essa figura que iluminou as outras. Falo de um ponto de vista muito particular, o das intenções que preexistiram à vida dessas figuras.

### **Mesmo apresentado como a figura não superficial, o homem-estátua também acaba por não reivindicar o valor da sua morte...**

Não podia preencher-lhe a consciência de pressentimentos e metasignificados. A figura não suportaria isso nem o momento em que acontece o permitiria. Ele desaparece na inocência do seu fim. Verdadeiramente só pensava na rebeldia em que consistia parar até atingir os seus limites.

**Quando chama Orson Welles para este romance, não teria sido possível uma abordagem mais em torno do sentido que o realizador conferiu a *O Mundo a Seus Pés*, paradigmático da trilogia poder, ambição e vazio?**

O filme fetiche do grupo não é *O Mundo a Seus Pés*, mas *Touch of Evil*. A figura de Welles, grotesca e ao mesmo tempo genial, é uma conotação que perpassa pelo aprendiz de cineasta, baseada mais na intuição do que na técnica. O pai até lhe diz: *com a tua idade, já Orson Welles tinha pintado a manta*.

**Viveu cada uma destas personagens com um carinho especial?**

Como se fossem gente viva.

**E não o são?**

Gente viva, sim.

**De todos os seus romances, apesar das metáforas, não sente ser este o que toca mais de perto o real?**

Assenta numa metáfora mas tem zonas de hiper-realismo. Há, contudo, figuras como Lanuit que se movem num outro quadro, o das dúvidas e da inquietação sobre o sentido da realidade.

**Lanuit pertencia a uma outra geração, que não a dos anos oitenta...**

Antigo residente, desempregado, Lanuit descobre que não só há positividade, como antes pensava, mas também sinais inefáveis, cuja leitura não é imediata nem simples.

**A estética da palavra é uma constante nas suas obras, mesmo quando o realismo implica o recurso a expressões dominantes...**

A adaptação da linguagem é fundamental, em particular quando se aposta nos perfis psicológicos. Nesse caso, a linguagem pessoal não interessa. Importa a capacidade e a adaptação que o escritor tem para cada uma das máscaras das suas personagens. Deve esforçar-se por delegar a sua própria linguagem em cada uma dessas figuras. Um jogo curioso, a exigir uma plasticidade nunca ganha.

**Para essa plasticidade entrega-se a uma escrita sofrida?**

Não, porque antes de mais coloco o acento na coerência das figuras. O que mais me move no romance é o rosto das personagens. Depois de lhes encontrar o rosto e o percurso cada um assume a sua fala com facilidade.

**Desejou a dado momento libertar-se de algumas personagens deste romance?**

Tive de apagar parte da vida de cada uma delas. Eram de tal forma redondas que ganhavam no livro um espaço muito maior e funcionavam como cabeças independentes. Eliminei algumas, substituí nomes, procurei finalmente que se acolhessem todas à sombra do *Static Man*, transfiguração de uma figura real que muito me apaixonou e foi aposta única na minha vida.

**Refere-se ao homem-estátua da Rua Augusta?**

Sim. O primeiro e irrepetível, o António Gomes Santos, pela forma genuína e ascética como age. O que mais me surpreendeu foi o facto de ter deduzido muitos dos seus percursos antes de falarmos.

**Passou muito tempo à volta dele?**

Em termos de horas, não.

**Conheceu-lhe o rosto que fica por detrás das pestanas postiças?**

Falámos e fiquei amiga dele. É uma pessoa curiosa, apaixonante. Tem uma forma muito especial de querer conhecer-se a si próprio.

**Mas o homem-estátua do livro vai ao ponto de tornar morto...**

Porque, enquanto personagem, não aceita nenhum parâmetro. É um rebelde puro, ainda que movendo-se numa forma de rebeldia incomum. Queria conhecer os seus limites, o máximo de horas de imobilidade que poderia atingir. Só não sabia que, no momento em que o conhece, morre-se. A ordem também pode ser inversa.

**Ao atingir-se o conhecimento o único destino é morrer?**

Disse que a ordem pode ser inversa. A Bíblia tem significados poéticos muito interessantes nesse aspeto. A nossa condição humana é a do enigma. Há um paradigma do conhecimento que nos transcende sempre. O mistério do mundo revela-se o grande dilema.

**A Bíblia tem para si apenas um significado poético, quando assume faz a sua busca relativamente?**

Não leio a Bíblia filosoficamente, por considerar que maneja mitos. Considero tratar-se de um livro poético magnífico, onde, em termos de poesia, aprendo imenso.

**A Bíblia não é só poesia. Está cheia de sacrifícios, até na morte de Cristo...**

O sacrifício, em termos de representação, sempre foi poético.

**Cristo não personifica uma rebeldia de juventude?**

Personifica essencialmente a obediência. É uma figura de tragédia por obediência ao desígnio. A parte gloriosa é escassa e logo se transfere para outro mundo.



## **A mensagem de Cristo não terá sido deturpada? Não dava alegria ao fomentar o bem?**

Cristo procurou dar alegria, mas sempre remediando. Até nas Bodas de Canaã aparece para remediar. Quando se retirou a Cristo a dimensão sensual contribuiu-se para a sua desumanização. Só que a pessoa religiosa que existe em cada ser humano precisa de mitos desligados do corpo. Compreende-se que as narrativas sobre Cristo tentem dar a imagem de um homem obcecado com a divindade e a missão, que esquece o corpo. Mas sobre a necessidade de lhe expor as chagas, de forma tão brutal e violenta, ao longo destes vinte séculos, fala-se pouco. Em função da vida, é um modelo trágico.

## **O homem procura reencontrar a espiritualidade?**

Nunca deixou de buscar a espiritualidade. Sucede que há formas e formas de sentir o espírito. Há momentos em que a civilização parece organizar-se de modo a ter de recorrer a demasiados instrumentos materiais para senti-lo. Então, os instrumentos substituem o fim. Mas como a vida e a cultura vão numa linha ascendente, logo se volta atrás e se procura ligar à totalidade. O instinto de harmonia existe.

## **Na sociedade atual, os momentos de totalidade não ficam estrangulados sob a pressão do quotidiano?**

Se deixarmos, ficam. Bem que poderia alguém escrever um livro que se intitulasse *Inventem-se Novas Rotinas*, para decalcar o título de Daniel Sampaio. Da vida do campo não tenho uma visão idílica, mas recordo que, em casa do meu avô paterno, havia muitos filhos, muitos netos e vários trabalhadores. À hora do almoço dava-se o encontro de toda a gente e o meu avô só permitia que as pessoas tocassem na comida depois de rezar. Dizia: *quem não quiser rezar pense noutra coisa qualquer*. Eu não rezava. Mas lembro-me de

que repetia para mim mesma: estamos aqui todos, estamos todos juntos, e sentia uma força passar. Era uma pausa de reconciliação.

**Será por acaso que Daniel Sampaio pede para que se inventem novos pais?**

Todos sabemos que a maioria das condutas se determina a montante.

**Como chega ao Outro, uma preocupação, aliás, constante na sua escrita?**

Não minto. Tornou-se vergonhoso dizê-lo, mas eu gosto das pessoas, gosto do gênero humano. Não pertencço ao grupo daqueles que constantemente dizem que quanto mais conhecem os homens mais estimam os cães. A humanidade, esta coisa ao mesmo tempo sonhadora e traiçoeira, merece-me respeito, não só em abstrato. O ladrão que assalta na rua faz parte dela. Só vemos a disfuncionalidade nas pessoas porque a nossa bitola é alta – uma bitola angélica.

**Tem capacidade de conhecer os outros?**

Aproximo-me deles, mesmo dos perversos. Atrás das pálpebras do perverso está sempre o olhar de um medroso, por vezes violento.

**E quando a violência é transmitida pela forma de comunicar? Os *media* são ou não são indutores da violência?**

A violência não se traduz por um mal que avance separado de nós. Fazemos parte dela. A informação é um ato contra a violência da ignorância e do desconhecimento. Nesse sentido, a informação será um bem, não um mal. O problema está na escolha do morbidamente violento para se atingirem os instintos básicos de comprazimento pelo sofrimento do outro de que todos somos razoavelmente possuídos. Combater a violência dos *media*, como se a sociedade pudesse ser bacteriologicamente pura, parece-me um

erro. Mas isso não invalida que se condene a possibilidade de crianças a partir dos dois anos poderem ver, em cada dia, dez assassinios seguidos na televisão.

**Na Alta Autoridade para a Comunicação Social lutou contra isso?**

Foi absolutamente inglório.

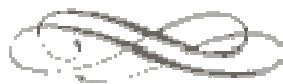
**A atitude terá de ser a de nos demitirmos ou rendermos?**

Todos os intervenientes culturais têm de ser livres e devem estruturar a comunicação de forma a não degradar a sociedade. A grande diferença entre os escritores e os jornalistas é a de aqueles poderem subverter, mas lentamente. Quando escolhidos, ficam séculos a subverter. Enquanto o poder dos jornalistas é imediato e funciona como um tremor de terra. Uns e outros, no entanto, estão unidos pelo facto de constituírem culturas de resistência, mesmo em situações adversas.

**Caso para dizer-lhe: tão bela a utopia de Tomás Morus...**

Aí tem um exemplo. Estou convencida de que vão surgir grupos não apenas para reivindicar dinheiro, mas antes para reivindicar espaço de honra. A literatura, no entanto, pode alimentar-se dessas inquietações, mas é feita de outra coisa e para outra coisa.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*



**SEGUNDA ENTREVISTA A LÍDIA JORGE**

**REALIZADA EM OUTUBRO DE 2002**

**A forte oralidade que marca as suas obras literárias é uma forma de alertar para a necessidade de sabermos dialogar com os outros e com nós mesmos?**

Pode resultar como efeito de uma coisa profunda que terá que ver com a minha forma de estar no mundo e de comunicar mas não é intencional. Cada um tem a sua maneira de relacionar-se com o outro e a escrita é a codificação do que fazemos.

**Codificação que, nos seus livros, é também descodificação?**

Resulta também nisso, porque uma das preocupações básicas da minha vida é tentar perceber este mistério que faz com que nos queiramos amar na perfeição num mundo de relações permanentemente imperfeitas.

**Amor-perfeito só existe em flor?**

A vida e o mundo contêm a harmonia e o horrível; duas palavras com H, como se fossem duas portas com um traço que as une e ao mesmo tempo as confronta e interpela. Toda a arte busca a harmonia ao tentar questionar por que será o mundo assim e onde residirá o segredo de tudo.

**Poderá a literatura ser por excelência a via da reflexão?**

A escrita usa a matéria-prima de toda a gente: as palavras. A literatura é o monumento claro da humanidade questionando o diálogo entre a beleza e o horrível.

**A literatura *light* desvia as pessoas de reflexões mais profundas?**

Tenho dificuldade em dizer onde começa e termina o literário. Quando se fala de literatura *light*, fala-se de obras que em vez de questionarem os sentidos da humanidade aceitam o que está aceite apenas para contar uma história; é a utilização da literatura como divertimento no sentido mais restrito.

### **Vale mais ler alguma coisa do que não ler nada?**

Quem lê *light*, admito que só lia as legendas das fotografias das revistas de fim-de-semana. Já deve ser um esforço passar da leitura de legendas para um livro.

### **Fina ironia...**

O velho Sócrates, que não acreditava no poder da escrita, ficaria contente se soubesse que as pessoas deram um salto antropológico tão grande; e não o digo com ironia.

### **São modas passageiras?**

Embora seja recente em Portugal, o fenómeno *light* existe há muito tempo noutros países. Instalou-se e não vai passar rápido.

### **Temos um mundo a caminhar a diversas velocidades?**

Sem dúvida. Barbara Cartland escrevia dois romances ao mesmo tempo, ditava um para trás e outro para a frente. Isso não impediu que a literatura inglesa continuasse a ter grandes escritores.

### **Poderá ler-se um clássico e um *light* ao mesmo tempo?**

Se alguém me diz que anda a ler *light* e Saramago ao mesmo tempo desconfio da honestidade da pessoa; há padrões de gosto que não são compatíveis.

## **Novo romance seu: *O Vento Assobiando nas Gruas*. Ficção muito próxima do realismo?**

É-me difícil não ser testemunha de um tempo e de comportamentos; todavia, gostaria de nunca escrever romances costumbristas. Coloco as personagens diante umas das outras e desperta-me o embate dos sentimentos. É nesse plano que me interessa a escrita.

## **É nesse plano que tem do mundo uma visão contundente, muito crítica e, por vezes, até mesmo irónica?**

Não escrevo sobre a realidade mas não a desperdiço. Entre a realidade e a transfiguração literária há um intervalo; é nesse intervalo que a literatura existe para mim; nele se produz o dinamismo das palavras, a própria transfiguração.

## **Transfigurar deforma a realidade ou reforça-a subtilmente?**

Recordo uma frase de Adorno: «À luz da transcendência toda a história é deformação.» A ficção é uma deformação da realidade para tentar descobrir o segredo implícito nos seres humanos. É na transfiguração que se dá uma espécie de recomposição do mundo.

## **Já alguma vez se sentiu espezinhada pela crítica?**

Quando alguém num jornal diz «Matem a Lídia Jorge», isso não tem a ver com literatura. Mas também já tenho sido muito bem tratada pela crítica. Gosto da máxima de Jose Lezama Lima: «Se uma crítica é má, leio-a rápido; se é boa, leio-a devagar».

## **Os seus livros são para ler devagar? Um apelo ao pensamento?**

Não deve fazer-se confusão entre ficção e filosofia. A ficção não dá lições; poderá, de caminho, envolver o leitor na intensidade do

pensamento, o que é diferente. Essa intensidade radica no campo estético. Julgo importante, sobretudo, que os livros possibilitem a levitação ao menos por um momento. A escrita não pode deixar a alma sentada.

### **Vamos bem ou mal de crítica literária em Portugal?**

Faltam espaços de credibilidade para a crítica. À força de determinados críticos desvalorizarem a literatura, a própria comunicação social expulsou a literatura e os críticos. Mas onde está um crítico apaixonado pelos livros, esse espaço ganha terreno.

### **Há autores que gostam de dizer: a crítica passa-me ao lado...**

Podem dizê-lo mas não creio que o pratiquem.

### **Que livro já a fez levitar?**

Muitos. Mas volto sempre a *Orlando*, de Virginia Woolf.

### **Integrou a Alta Autoridade para a Comunicação Social nos anos noventa. Mudou alguma coisa?**

Aconteceu tudo o que se previa. A comunicação do grotesco e do vazio ganhou. Dia para dia teme-se por aqueles jornalistas que são profissionais sérios.

### **Não houve grotesco e obscenidade em todos os tempos?**

O grotesco faz parte do humano. Mas as pessoas estão estupefactas com o escancaramento da obscenidade que bate cada vez mais fundo. Num momento em que devia ser mais fácil tomar a palavra, tudo parece contraditório. As pessoas não sabem como lidar com o que está acontecer; reduzem-se ao silêncio.

### **Que nova mordaza é essa?**

Os atrevidos tomaram o palco. Mesmo que não tenha objetivo nenhum, o atrevimento transformou-se num objetivo por si próprio. Quem não é atrevido não tem espaço. Falta à gente de carácter dizer «não». Não tem ser assim. Não se pode desinstalar o atrevimento do seu palco mas pode contrapor-se-lhe a coragem da hombridade.

### **Onde está o epicentro desse sismo social?**

Há um desregulamento que julgo ter o epicentro no audiovisual, com a gravidade de Portugal ser um país teledependente. Depois, dão-se reflexos miméticos em espiral.

### **Qual a televisão ideal?**

A televisão é capaz do melhor e do pior. Cada país tem de arrumar a sua casa. Não conheço nada de finanças mas sei que se a lógica mercantil continuar a criar monstros é necessário surgir alguma coisa de diferente que trave a degradação das pessoas. Tenho sempre esperança que a diferença seja impulsionada a partir da Imprensa. O jornalismo escrito também claudicou, mas é nesse espaço que a reviravolta tem de acontecer. Não há outro.

### **Desde o seu primeiro livro, *O Dia dos Prodígios*, tem conseguido desvendar segredos do mundo?**

Em cada livro faço uma aprendizagem liberta do que será o resultado e a vida do próprio livro. O percurso da escrita é para mim um momento forte de relação com os elementos que carrego; procuro criar personagens consistentes, independentemente do talento que tenha ou não de as pôr em papel. Não desprezem demasiado a ficção, ela toca numa disciplina comum aos seres humanos; reproduz o diálogo entre a sombra e a luz que há dentro de toda a gente.



## **Há sempre uma parte do autor que se liga às personagens mesmo não sendo autobiográficas?**

O escritor tem a ilusão romântica de que as figuras se autonomizam.

## **Flaubert diz que a palavra é um prolongamento dos sentimentos...**

Também Luíza Neto Jorge nos diz: «Estremeço. / No coração. / As letras vêm de lá / e da mão.» As personagens são prolongamentos da nossa imaginação. Mas todos temos a fantasia de criar personagens independentes de nós, suficientemente diferentes para se desentenderem e criarem um drama em ação que nos dá a ilusão do prolongamento de existências múltiplas. Só alguns grandes escritores têm capacidade plena de o transmitir.

## **Um deles?**

Por exemplo, entre nós, José Cardoso Pires ou Agustina Bessa-Luís.

## **A célula-família está quase sempre presente no seu tecido literário. Que mais a preocupa no desempenho familiar?**

Não me preocupa a célula familiar tradicional mas sim as relações no núcleo do amor albergado pelo mesmo teto. Reclamo a quebra do silêncio. O silenciamento dos atos é hoje a nossa grande e terrível realidade. Há gente quieta e gente que se aquieta. Parecemos sonâmbulos e tudo fica impune.

## **Urge que o homem entenda que é o responsável pela sua própria vida?**

Urgentíssimo. As pessoas que têm princípios de fraternidade e de honra devem assumir que não estão ultrapassadas. Se alguém é humilhado não deve deixar prolongar a humilhação.

## **Quem salva os humilhados?**

Elliot dizia que, nos momentos de crise, cada homem que pensa estar só tem de desempenhar o seu papel o melhor possível. No caso do escritor, deve escrever o melhor que possa. A ficção é uma espécie de delírio da memória e tem de se ser fiel ao delírio da memória. É isso que se pede aos escritores: que sejam fiéis a esse delírio.

## **Uma literatura moralista?**

Nunca uma literatura da moral. Sim uma literatura de fruição da qualidade que dignifique a palavra e o significado de entretenimento. Se um escritor criar com beleza, grandeza e leveza chegará aos outros; cada um no seu campo ajudará a quebrar o silêncio e a fazer as grandes descobertas com outra estatura e densidade psicológica.

## **O debate de ideias morreu?**

Combate-se mais do que se debate. Somos um povo que levanta pequenas questões mas adia o grande debate de ideias. As elites dominantes, invisíveis, são em geral possidentes e indiferentes à sorte dos outros. Sabemos, todavia, e o caso de Timor foi disso exemplo, como uma opinião pública mobilizada e a força de vontade podem mudar as coisas.

## **Espera-se uma hora H?**

Se falarmos de hora H no nosso país, julgar-se-á que é precisa outra revolução e não se trata disso, pois já vivemos em democracia. Necessária é a conquista da dignidade e da inteireza das pessoas. Precisamos de um outro sentido de justiça, em particular de uma justiça ética. O problema não é só nosso, é do mundo.

## **Um sonho a perseguir?**

Escrever um livro que pudesse ajudar a questionar o segredo do mundo, isso que a literatura, em cadeia, sempre fez e faz; um livro no qual encontrasse as palavras de fogo que não encontrei ainda; um livro que dialogasse com os meus irmãos de hoje; que tivesse a palavra útil.

### **Ambição desmedida?**

Toda a pessoa tem uma ambição que se prende com a ideia de que a eternidade existe; mesmo que não exista, gostava de saber construir essa eternidade.

### **Lutar contra o finito?**

Lutar contra o tempo, contra o esquecimento. Quem vive para a escrita sabe que tem aí o seu campo de manobra.

### **11 de Setembro. Milhares de vítimas inocentes. E culpados?**

Percebia-se que alguma coisa estava a ser montada mas explodiu a face do mais horrível. Os homens são hoje, eles próprios, bombas sem fronteiras. Essa é uma realidade-surpresa.

### **Qual o papel da União Europeia nas grandes teias mundiais?**

A Europa tem uma memória sábia mas lenta e manhosa, com uma visão muito centralizada. Além disso, encontra-se paralisada por um sentimento de culpa que esteve na origem das duas guerras mundiais. Só quando ultrapassar esse sentimento de dissensão interna poderá ser um parceiro respeitável no mundo.

### **A cultura ou a multicultural europeia não é, em si mesma, um património muito forte?**

Inquestionável a força cultural da Europa; porém, outras civilizações têm memórias e culturas milenares. Gostaria que a Europa, sem

perder a noção de progresso e sem se deixar humilhar, conseguisse ser um mediador válido entre o Ocidente e as culturas orientais.

**Acredita que se acuda ao fosso cada vez maior entre países pobres e ricos?**

Sinto, pela primeira vez, uma profunda desesperança. As grandes potências aliam-se ao diabo, se for preciso. E as pequenas também. Temos a sensação de que alguém está a deixar criar o inferno social no mundo.

**Os intelectuais poderão, de algum modo, ajudar a contrariar essa tendência?**

Não tenho muitas ilusões mas, ao menos, que se quebrem silêncios. Acho bem, por exemplo, que José Saramago tenha dito o que disse sobre Israel, não por se estar contra ou favor mas porque criou uma onda de choque e levou as pessoas a pensar e a posicionarem-se. O mundo está, de facto, a precisar que pessoas com influência digam, mesmo que digam com injustiça, porque, ao dizerem com injustiça, obrigam a mais justiça.

**Na sociedade portuguesa já se ouve dizer que não valeu a pena a revolução de Abril...**

É errado porque não corresponde à realidade, mas devemos dizê-lo num momento de desespero para se perceber que, ao exagerar-se uma situação, chamamos a atenção para o que existe de incorreto.

**Foi professora. Acha que o ensino está realmente a preparar as pessoas para a construção de um mundo melhor?**

Entre nós, é um campo a pedir socorro há muitos anos. A educação faz a luz de um País.

## **Preocupa-se com os destinatários dos seus livros?**

Não. As coisas podem mudar, no entanto, até agora, sinto que os leitores não compram os meus livros por moda ou para encherem uma estante. Os leitores ainda lutam comigo.

## **Um livro para o inverno?**

*Lillian Fraser*, de Hélia Correia, para o inverno e para todas as estações.

© MARIA AUGUSTA SILVA



## **TUDO-NADA SOBRE MIM**

### **Livros de infância?**

Imensos contos de fadas e fantasias, e, no meio deles, *Alice no País das Maravilhas*. Mas como comecei a ler muito cedo, passei imediatamente para os românticos. Recordo em especial *O Retrato de Ricardina*, de Camilo. Era criança quando o li. Marcou-me por várias razões.

### **O maior sonho de adolescente?**

Dar a volta a África com o meu pai.

### **A maior frustração?**

Ter perdido esse barco.

**O seu primeiro romance, *O Dia dos Prodígios*, foi a descoberta da maturidade?**

Foi o início de uma descoberta completamente diferente. Corresponde à noção de que era capaz de organizar um mundo ficcional com unidade, quando até aí tinha sido apenas parcelada. Mas coincide com um momento de inocência profunda. A relação entre o universo de onde um romance sai, o autor e os destinatários estava totalmente por desvendar. Quero imaginar que a maturidade é um estádio a conjugar de preferência no futuro.

**A sua filosofia de vida passa por Deus?**

Passa pela busca do seu enigma e pela tortura de desconfiar que o mais certo é não estar lá.

**Qual a fronteira entre a amizade e o amor?**

Fazem parte do mesmo território. O amor é apenas uma província da amizade. A sua região mais densa.

**Um filme inesquecível?**

*Yol*, terrível história turca, da dupla Yilmaz Guney e Serif Goren.

**Uma obra de arte gravada na memória?**

*Guernica*, de Picasso, sempre presente, sempre ibérica, sempre do mundo.

**Uma saudade perene?**

De um lugar umbroso onde alguém deveria aparecer como nos sonhos, para revelar o segredo do mundo.

**O maior deslumbramento?**

O momento em que vi o rosto dos filhos. Percebi que estava a fazer parte de uma cadeia inapreensível e vasta. Começava a pertencer à Humanidade de uma outra forma. Humildemente cúmplice com a

Natureza primitiva. Além de que sempre houve a descoberta de autores em cujo universo entrei fascinada e que me aprisionaram.

### **A maior perplexidade?**

Quando vejo os que se amam não encontrarem as palavras necessárias para se penetrarem nas almas. Deixarem que o desencontro mate o inefável da compreensão.

### **A mentira mais ingénuas?**

Fazer-se crer, como se procurou nestas últimas décadas, que as pessoas iriam ser felizes porque poderiam ter todos os objetos desejados, desde que lutassem um pouco por eles.

### **Mentira ingénuas, essa?**

Sim. Os objetos não devem ser finalidades, apenas meios.

### **E a mentira mais atroz?**

Dizer-se que, prendendo os homens, se cura as suas vidas.

### **O maior medo?**

O de morrer e não saber nada sobre a vida.

### **O maior desencanto?**

Perceber que o amor acaba.

### **Das sete maravilhas do mundo, qual preenche todos os seus sentidos?**

Jardins Suspensos. Talvez sejam os que mais alimentam o nosso sonho. Acresce a associação à Babilónia, que, no fundo, acaba por ser um mito contraditório.

### **Uma melodia para aliviar a depressão, outra para equilibrar a euforia?**

Praticamente as mesmas. Tchaikovsky para acompanhar os dias e Mendelssohn para adormecer.

### **Um mito?**

Tenho-os no campo da literatura. Há figuras que me comovem profundamente. Tolstoi, os olhos da testemunha de um século. Também Virgínia Woolf. Mais perto e mais longe de nós, Kawabata. Estas, entre outras, são figuras que me tocam, ainda que por razões diferentes.

### **Como reagiria se visse um dos seus filhos partir para um teatro de guerra?**

Só perante a situação podemos avaliar. Mas a coragem representa uma competência, não o instinto a falar, antes uma coisa que se aprende e tem elementos racionais. Sendo uma guerra em prol de uma causa justa, penso que o incentivaria. Não lhe retirava a honra de lutar por uma causa e fazer parte do ciclo do seu tempo. O percurso cívico é um dos rostos mais dinâmicos e sagrados do ser.

### **Qual o seu primeiro impulso perante a violência?**

Procurar a razão que conduz à violência e tentar dissuadir as pessoas envolvidas.

### **Votou sempre por ideais ou alguma vez vestiu a pele de estrategista?**

Nunca votei por estratégia. Não critico quem o faça, mas eu não seria capaz. Voto por ideais.

### **O riso é uma arma de dois gumes?**

Com certeza. Por isso é a arma superior do Homem.

### **Racine dizia que as palavras, a nossa voz, são sempre intérpretes do coração. Acontece-lhe assim?**

São intérpretes da emoção, é verdade. E sabe-se agora, felizmente por um cientista português, a importância das emoções.



**Com todo o respeito por António Damásio e pela sua obra *O Erro de Descartes*, essa questão não é nova, nem Descartes negou as emoções ao enunciar o princípio metafísico: *Penso, logo existo!***

Pois não. Mas como a obra de Damásio passou pela chancela dos americanos, conquistou agora um passaporte mais atualizado. O coração dita, afinal, a melhor das razões.

### **Um encontro com a felicidade?**

Diversos. Os mais perfeitos têm música e a própria presença dos executantes.

### **A paz é uma utopia?**

Sim, uma utopia.

### **O futuro alimenta-se de esperança?**

De esperança e de empenho no presente. Nenhum futuro pode ser gratificante se o presente não for vivido em plenitude. O futuro acaba por ser uma espécie de estéril conta bancária se não for antecipado, a cada momento, em função do maior bem, da melhor justiça, do melhor empenho e do maior respeito pelo Outro. Em função da alegria e da beleza. A esperança é apenas isso tudo junto, quando ainda adiado.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

### **TAMBÉM NESTE SÍTIO**

Apreciação literária ao romance de Lídia Jorge

"O JARDIM SEM LIMITES"

LER

[http://www.casaldasletras.com/maria\\_Outras%20Leituras.html](http://www.casaldasletras.com/maria_Outras%20Leituras.html)